

O ESPAÇO E A INFÂNCIA QUE ATRAVESSA O COTIDIANO EDUCATIVO: RELATOS A PARTIR DE UMA PROFESSORA DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Elifalety Silva Maciel Nascimento¹
Gabriel Bernardino Vitorino²
Manuel Bandeira dos Santos Neto³

RESUMO

Este artigo resulta da experiência no campo do estágio obrigatório do componente curricular Estágio Supervisionado I – Educação Infantil, do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco – Centro Acadêmico do Agreste. O mesmo, objetiva apresentar as concepções sobre o espaço e a infância que atravessa o cotidiano educativo a partir de relatos de uma professora da Educação Infantil. Para o desenvolvimento deste trabalho tomamos como aportes teóricos Barbosa e Horn (2001), Gandini (2008), Craidy e Kaercher (2012) para refletir sobre o espaço que abarca a Educação Infantil. Para as discussões das concepções de infância que atravessa o cotidiano educativo da educação infantil, nos ancoramos em Kohan (2021), Skliar (2012), Sarmento e Pinto (1997). Para tanto, utilizamos a observação participante com a entrevista semiestruturada, via análise temática e/ou categorial. Os resultados nos mostram que a partir dos espaços o trabalho pedagógico pode ser orientado para construir vivências, identidades e desenvolvimento social entre as crianças. Em relação a concepção de infância que atravessa o cotidiano da educação infantil, temos a compreensão que a infância é vista como um tempo em que a criança pode viver de forma intensa movida pelas descobertas, curiosidades, brincadeiras, no entanto esses aspectos são vivenciados de modos diferentes devido aos contextos sociais, culturais e econômicos.

Palavras-chave: Infância, Educação Infantil, Trabalho docente, Estágio Supervisionado.

INTRODUÇÃO

A infância, para além de uma etapa, nos faz refletir sobre a experiência, a construção e as vivências em um espaço/tempo constituído de múltiplos potenciais. Esses aspectos podem ser percebidos no cotidiano da educação infantil e os sujeitos que estão inseridos nesse território nos inquieta a pensar a infância sem interrupções e com intensidade. A escola nos convida a olhar/observar o que as infâncias têm a nos dizer nos desviando de concepções definidas voltadas apenas as etapas cronológicas, mas com um

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação Contemporânea da Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico do Agreste – UFPE/CAA, elifalety.nascimento@ufpe.br;

² Graduando do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco – Centro Acadêmico do Agreste - CAA, gabriel.bernardino@ufpe.br;

³ Professor Adjunto na Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC)/ Universidade Estadual do Ceará (UECE), manuel.bandeira@uece.br

olhar mais amplo e sensível apresentado por quem caminha/ensina com/para as próprias crianças.

Nesse sentido, conforme **Barbosa e Horn (2001, p.73)** enfatizam: "Também compartilhamos da ideia de que o espaço físico e social é fundamental para o desenvolvimento das crianças, na medida que ajuda a estruturar as funções motoras, sensoriais, simbólicas, lúdicas e relacionais". Assim, esse espaço/escola precisa comportar as especificidades que abarcam as infâncias, pois ele/ela é um dos elementos responsáveis para o desenvolvimento das aprendizagens das crianças para que as habilidades mencionadas por estas autoras sejam de fato realizadas, o espaço físico deve corroborar para isso.

Por isso, a infância que atravessa os espaços não pode ser compreendida de um modo homogêneo, por uma única definição, porque ela é marcada por experiências que circulam em espaços/tempos compreendendo-a com "intensidade, um situar-se intensivo no mundo" (Kohan, 2007, p.94). A infância desvela apelos, rostos e demandas outras por atravessar de forma potente o tempo para além do cronológico que transita para o intenso.

Diante disso, este artigo resulta da experiência de estágio do componente curricular Estágio Supervisionado 1- Educação Infantil, do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco, no Centro Acadêmico do Agreste. E se propõe a dialogar com a vivências e relatos de uma professora da Educação infantil, da Rede Municipal de Caruaru -PE, os quais nos apresenta suas concepções sobre o espaço e a infância que atravessa o cotidiano educativo do seu fazer docente. Para tanto, utilizamos a observação participante com a entrevista semiestruturada, via análise temática e/ou categorial.

Organizamos esse trabalho em duas seções de análise e discussão, onde na primeira discorremos o espaço que transita o fazer docente da professora da Educação infantil, a qual nos apresenta os desafios vividos no cotidiano educativo do ambiente em que atua. Na segunda, apresentamos a concepção de infância que essa professora construiu ao longo de sua trajetória como educadora.

Os resultados nos mostram que a partir dos espaços o trabalho pedagógico pode ser orientado para construir vivências, identidades e desenvolvimento social entre as crianças. Em relação a concepção de infância que atravessa o cotidiano da educação infantil, temos a compreensão que a infância é vista como um tempo em que a criança pode viver de forma intensa movida pelas descobertas, curiosidades, brincadeiras, no

entanto esses aspectos são vivenciados de modos diferentes devido aos contextos sociais, culturais e econômicos.

METODOLOGIA

Para o desenvolvimento deste trabalho, o qual requer uma leitura de subjetividades, aplicamos a abordagem qualitativa. Para tanto, utilizamos como critérios a compreensão de uma realidade particular, a autorreflexão e a ação emancipatória Gondim (2002).

O *locus* da pesquisa foi uma Escola Municipal, na cidade de Caruaru, Pernambuco, a qual foi escolhida uma professora do último ciclo da Educação Infantil como sujeito da pesquisa, a qual para preservar a sua identidade, nesse trabalho a denominamos como professora Fada. A escolha do campo e do sujeito se deu pelo fato de estarem diretamente ligados ao objeto de pesquisa.

Como técnica de coleta de dados optamos pela observação participante, por também se tratar de uma experiência de estágio obrigatório do componente curricular Estágio supervisionado na Educação Infantil. Foi observada a prática docente da professora em sua sala de aula, bem como os espaços outros em que se constituía o seu cotidiano educativo e os relacionamentos com os seus pares. Como salienta Oliveira, Santos e Florêncio (2019), “Observação Participante é a forma de observação mais utilizada na pesquisa qualitativa e consiste na participação real na vida da comunidade, grupo ou determinada situação”.

Para complementar a obtenção de dados também escolhemos a entrevista com a professora, pois, ela possibilita a interação entre duas ou mais pessoas (investigador e investigado) para a obtenção de informações sobre o objeto da pesquisa consoante aos objetivos estabelecidos (Minayo, 2010).

O tipo da entrevista escolhida é a semiestruturada, pois possibilita a mobilização de perguntas fechadas e abertas, onde o entrevistado tem como se posicionar favorável ou não sobre o tema, sem se prender à pergunta formulada (Minayo, 2010).

A análise dos dados se deu a partir da categorização (Ludke; André, 2018), que permite rever as ideias iniciais, repensá-las, reavaliá-las, e novas ideias surgirem nesse processo, ao passo que considerações sejam construídas e inferidas agregando valor a temática estudada e analisada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O ESPAÇO QUE ATRAVESSA O FAZER DOCENTE DA EDUCAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS À POSSIBILIDADES DE APRENDIZAGENS OUTRAS

A Educação infantil é permeada por elementos que podem agregar o fazer docente de modo significativo o ensino/aprendizagem. Entre eles, o espaço que atravessa o cotidiano educativo é um grande aliado para que o planejamento de algumas atividades se concretize de modo satisfatório e corrobore para o desenvolvimento das crianças. Entretanto, por vezes, alguns espaços educativos não correspondem as expectativas dessa etapa da educação e dificultam a prática educativa.

Apresentamos a seguir, algumas concepções da professora Fada (como já mencionado, esse é o nome fictício que utilizamos para resguardar a sua identidade) participante do nosso trabalho, em seu cotidiano uma turma da educação infantil, para refletirmos sobre os desafios enfrentados no espaço em que ela atua como docente.

Primeiramente, destacamos que a professora Fada leciona para uma turma de 25 crianças, em um espaço físico apertado. A sua sala de aula fica no primeiro andar, possui uma janela grande que oferece uma boa iluminação e possui ar-condicionado. Sobre o mobiliário explica que em sua sala há 1 birô, 1 estante e 25 carteiras; para desempenhar as atividades ela dispõe de materiais como, alfabeto móvel, material dourado, ábaco, tintas, massa de modelar, lápis de cor, entre outros.

A partir das observações, constatamos que por a sala ser pequena, a professora fica sem escolha de dispor as bancas em círculos e deixam organizadas em fileiras. Em sua fala a professora comenta que a escola apesar de ter muitas salas a escola é muito pequena e os espaços são compactos, alega ainda que a estrutura física da escola não atende as especificidades que a educação infantil exige.

Diante do cenário da sala de aula nos questionamos sobre a necessidade de pensarmos o espaço como local de amplo aprendizado, utilizando de suas estruturas para a construção de um território de vivências e culturas. Para a educadora estas influências culturais são de fundamental importância para a valorização de si e do outro, além de fomentar conteúdo para um entendimento amplo e cooperativos de valorização social. Vale lembrar que este ambiente é, ou deveria ser carregado de conteúdos educacionais. Para **Gandini (2008, p. 150)**, “O espaço reflete a cultura das pessoas que nele vivem de

muitas formas e um exame cuidadoso, revela até mesmo camadas distintas dessa influência cultural”.

Desse modo, frente a ausência de uma cultura que revela identidades, a professora nos relata que: “A organização da sala de aula é implicada em um ambiente pequeno, não pesado no outro e que o local não foi observado como um ambiente educativo e sim como um local adaptado para um ambiente de estudo” (Professora Fada, 2022). Compreendemos que o espaço de sua sala de aula regido por uma adaptação técnica, não reflete a cultura e os sujeitos que atravessam ela, mas que foi pensado para cumprir uma burocracia administrativa a uma função social.

Diante de uma sala apertada, com mobílias extremamente próximas umas das outros, sem qualquer espaço que possa ser realizado movimentos educativos que incentivem coordenações motoras, nota-se que o desenvolvimento das crianças é afetado diretamente na medida que não ajuda as diversas funções (sensoriais, simbólicas, lúdicas e relacionais). Assim:

Inicialmente as crianças têm as suas percepções centradas no corpo; concomitante com seu desenvolvimento corporal, sua percepção começa a descentrar-se e estabelecer as fronteiras do eu e do não eu. Consequentemente, os espaços educativos não podem ser todos iguais, o mundo é cheio de contrastes e de tensões, sendo importante as crianças aprenderem a lidar com isso (CRAIDY & KAERCHER, 2012, p. 73).

Conforme o exposto, entendemos que algumas habilidades das crianças partem de uma mobilização corporal e o espaço a qual ela esta inserida precisa atender as heterogeneidades presentes para o desenvolvimento destas. Por isso, salientamos que é no ambiente escolar que as crianças mais interagem com seus pares compartilhando os seus desafios.

Para além do espaço da sala de aula, a professora Fada reconhece que na sua prática o outros espaços que constituem a escola são importantes para a construção de rotinas que possibilitam a construção da autonomia, conceitos, habilidades, conhecimentos físicos, sociais de crianças, sobretudo a experiência afetiva.

Nesse sentido, concordamos com Barbosa e Horn (2001, p. 72), quando refletem que: “seria importante mencionar que o cotidiano das escolas infantis está impregnado de vínculos afetivos em que o adulto tem importante papel de favorecer, de mediar a compreensão e a interpretação do mundo pela criança”. Por isso, a mediação docente sobre essas questões dentro e/ou fora do espaço da sala de aula deve ser concebida como a prática da interação social.

Em um de seus relatos a professora Fada expõe que alguns momentos de interação entre as crianças ocorrem no momento do lanche no refeitório, como descreve: Nem toda criança leva um lanche de casa, mas é possível perceber uma interação que parte delas mesmo, observo em algumas crianças que compartilham o lanche quando algum coleguinha não leva o seu, mesmo quando estão merendando” (PROFESSORA FADA, 2022).

Nesse extrato, percebemos a prática da partilha e da sensibilidade com os pares diante do contexto da hora do recreio. Assim, observamos que o espaço do refeitório é também reservado para que as crianças estabeleçam um convívio social para além da sala de aula possibilitando um desenvolvimento de relações com o outro o que nos inclina a pensar conforme Gandini (2008, p.151), “uma vez que o desenvolvimento social é visto como uma parte intrínseca de desenvolvimento cognitivo, o espaço é planejado e estabelecido para facilitar encontros, interações e intercâmbios entre elas”.

Outro espaço explorado pela professora Fada é o pátio da escola onde desenvolve atividades voltadas para uma metodologia ativa onde o aluno é protagonista do seu conhecimento, sujeitos da aprendizagem e o professor é o mediador. Dessa forma, o estudante é levado a refletir durante as atividades, com tarefas de psicomotricidade, onde se trabalha também a interação, a brincadeira, oralidade, leitura deleite, dinâmicas, música, desenho no chão do pátio.

Dessa forma concordamos com Barbosa e Horn:

Todos os momentos, sejam eles desenvolvidos nos espaços abertos ou fechados, deverão permitir experiências múltiplas, que estimulem a criatividade, a experimentação, a imaginação, que desenvolvam as distintas linguagens expressivas e possibilitem a interação com outras pessoas. (BARBOSA; HORN,2001, p. 68)

Esses tipos de atividades fazem parte do projeto “desemparedar” proposto pela secretaria de educação para que as crianças tenham um aprendizado também fora da sala de aula, contemplando outros espaços da escola e articulado com os campos de experiência. Entretanto, ela enfatiza que mesmo que não estivesse no planejamento ela colocaria em prática atividades fora da sala de aula.

Portanto, o espaço que atravessa a etapa da educação infantil possibilita ensino/aprendizagens que revelam a multiplicidade de fazeres e práticas educativas que abarcam culturas/conhecimentos/interações/experiências outras com as crianças. Mesmo diante dos desafios como a falta de estrutura em algumas escolas, é possível mobilizar atividades que promoverá a construção do desenvolvimento dos estudantes.

CONCEPÇÕES DE INFÂNCIA QUE ATRAVESSA O COTIDIANO EDUCATIVO DA EDUCAÇÃO INFANTIL: APELOS, ROSTOS E DEMANDAS DA INFÂNCIA

Para refletir sobre a infância procuramos compreender o que a professora Fada pensava sobre a criança e a infância. Sentimos a necessidade de que ela revelasse um pouco das infâncias que atravessavam o cotidiano escolar, bem como o que foi percebido no decorrer de seus anos de experiência (30 anos) com a educação infantil. Também procuramos entender qual a concepção de crianças e infância a professora têm, assim como, que apelos, que rostos e que demandas essas crianças e infância solicitam a mesma.

Segundo o seu relato,

Para mim criança é um ser inteligente, um ser que pensa, um ser que é capaz. A criança é tão capaz quanto um de nós, de acordo com suas maturidades. Mas eu creio que ela é capaz de aprender, ela é capaz de brincar, ela é capaz de ensinar a gente, então ela é um ser inteligente, é um ser pensante, é um ser que faz. Ela não é só um ser que só recebe o aprendizado, ela também ensina. Porque eu aprendo muito com as crianças, todos esses anos que eu trabalhei com as crianças eu aprendi muito com elas (PROFESSORA FADA, 2022).

Em sua fala, onde conceitua o que é criança percebemos que a mesma não considera a criança como uma “tabua rasa” onde, nem mesmo como um “mini adulto” como era entendido na antigamente e, em alguns casos, até mesmo nos dias de hoje. Ela acredita na criança enquanto um ser capaz de explorar suas próprias potencialidades, que é capaz de ensinar e é um ser que assume uma posição ativa no processo de ensino e aprendizagem.

Sendo um ser potente e capaz a criança é dotada e deveria ter todo o direito de vivenciar um momento que é só seu, o tempo da infância, um tempo em que ela pode, ou deveria poder, experienciar e explorar todas as suas potencialidades. Sendo assim a professora nos afirma que a infância é:

[...]a melhor fase da vida, é quando você pode aprender muito, é quando você pode brincar muito, é quando você pode aproveitar muito e infelizmente nem todos têm essa oportunidade. Mas a concepção de infância: melhor fase da vida, aberta a descobertas, aberta ao aprendizado, aberta aos questionamentos e a criança é justamente esse ser pensante que estar aberta a essas descobertas, é esse ser pensante e inteligente que estar aberto a esses aprendizados e que tem um mundo inteiro pela frente (PROFESSORA FADA, 2022)

Podemos ver que a professora, assim como **Kohan (2021)**, se aproxima de uma concepção de infância aiônica, onde antes de ser uma “fase”, é também uma circunstância para a experiência, experiência essa que pulsa/transgride/cria/busca. A infância é um momento onde a criança pode viver a intensidade que o momento lhe apresenta a todo

momento, intensidade que se sente aiônicamente onde é permitido viver os impulsos e os movimentos das descobertas movidas pelas curiosidades, pelas brincadeiras, pelos pensamentos impossíveis, no entanto, o que muito se espera da infância é muitas vezes uma infância pautada no tempo *chrónos*, que limita, que tem pressa, que ameaça se acabar a cada dia que passa, assim como nos apresenta esse autor.

Todavia, apesar da professora ter uma certa concepção de infância e de criança, quando se depara com a realidade escolar nos relata que algumas crianças não conseguem ter as mesmas oportunidades de vivenciar seu próprio momento, pois são atravessadas/interrompidas por uma realidade dura e muitas vezes desalmada. Nisso, a professora relata que:

Já tiveram outras crianças que não tiveram tanta oportunidade de realmente viver a infância delas, são crianças que a gente ver que são crianças que chegam com experiência que nem era para elas estarem passando ainda. A gente tem muitas crianças que chegam e dizem “Tia tu sabia que meu pai tá preso?”, “Tia tu sabia que meu pai fez ‘isso’ e foi preso e minha mãe chorou?”. Crianças pequenas, né, porque educação infantil ainda são de crianças pequenas, mas crianças que já passam por traumas grandes na família. Eu tive um caso de uma criança a pouco tempo que ela foi espancada pelo pai, e passou uns dias sem vim para escola, infelizmente né? (PROFESSORA FADA, 2022).

Dessa maneira, vemos que algumas crianças são interrompidas desde os primeiros anos de suas vidas escolares, sociais, afetivas. Interrompidas pelos contextos socioculturais, familiares, afetivos etc. Nisso o autor Skliar (2012, P.76) afirma que “los niños desatentos, sordos, ciegos, cojos, zurdos, pobres, callados, inmigrantes, autistas, espectrales, destartalados, son interrumpidos todo el tiempo. A veces, incluso hasta la muerte.”

Tais acontecimentos na vida da criança deixam marcas profundas em sua alma, tais fatos nos revelam o quão duro pode ser o tempo *chrónos* que muitas vezes à faz atropelar sua própria temporalidade. Crianças que infelizmente sofrem com o “paradoxo da infância” que Sarmiento e Pinto (1997) onde muitas vezes o “mundo dos adultos” impõem regras, apresentam realidades e que ocasiona experiências que muitas vezes a criança não deveria estar passando por elas no atual momento em que se encontram

Por mais que se pense que as escolas públicas são produtoras e acolhedoras de contextos de vulnerabilidade, também, é uma realidade que escolas particulares podem ser palco de vários ambientes em que a vulnerabilidade está presente. Com isso, a professora nos aponta que:

Já trabalhei em escola particular grande e as crianças têm todo um aparato, têm toda uma oportunidade, têm tudo do bom e do melhor, mas as vezes tendo tudo do bom e do melhor, materialmente falando, né, porque na parte emocionalmente ficava faltando, as vezes tinham pais que pesavam que encher de presentes, encher de lanches do bom e do melhor e de coisas assim, é tudo. Mas aí ficava faltando a parte emocional para essas crianças (PROFESSORA FADA, 2022).

Nessa parte da fala da professora entendemos que ela identifica que mesmo em ambiente bem estruturados pode haver uma falta enorme, no que diz respeito ao desenvolvimento emocional. Não estamos dizendo e/ou comparando os espaços do público e privado numa perspectiva de encontrar o melhor, mas estamos queremos discutir que em ambientes bem estruturado pode haver uma falta diante de tanto excesso.

Desse modo, mais uma vez nos deparamos com os “paradoxos da infância” que os autores, Sarmiento e Pinto (1997, p.12), abordam quando falam “[...] os adultos desejam gostarem das crianças, apesar de “produzirem” menos crianças e cada vez disporem de menos tempo e espaço para elas.” Parafrazeando os autores diria que desejamos que o momento da infância seja vivido em sua plenitude, apesar de “produzirmos” cada vez menos infâncias, dispendo de menos tempo e espaço na medida que o tempo passa.

Portanto, os apelos, rostos e demandas que atravessam o cotidiano da educação infantil, revela uma visão de infância vista como um tempo em que a criança pode viver de forma intensa movida pelas experiências, descobertas, curiosidades, brincadeiras, no entanto esses aspectos são vivenciados de modos diferentes devido aos contextos sociais, culturais e econômicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de nossas observações/reflexões e diálogos junto ao estágio na etapa da Educação Infantil, pudemos alinhar a prática-teoria que nos inclinaram a pensar em uma educação com crianças de forma potente. Fica latente o desejo de discutir projetos sobre o ‘mundo’ infantil de modo crítico e reflexivo por ser um encontro com o incerto, porém com a certeza de que a experiência não é algo dada, mas capturada em um espaço/tempo outro que constrói vivências indescritíveis e imensuráveis.

Pensar no espaço e na infância que atravessa o cotidiano da educação infantil é mobilizar uma prática educativa antes de tudo pensada para a construção crítica das relações presentes dentro e fora do ambiente escolar, junto e afastados do espaço familiar e nos mais variados percursos da educação e suas facetas, com o intuito de fazermos refletir sobre nossa *práxis* para essa etapa tão importante da educação.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmem Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. Organização do espaço e do tempo na escola infantil. **Educação infantil: pra que te quero**, p. 67-79, 2001.

DE OLIVEIRA, Ana Cristina Barbosa; DOS SANTOS, Carlos Alberto Batista; FLORENCIO, Roberto Remígio. **Métodos e técnicas de pesquisa em educação**. 2019.

GANDINI, Lella. Espaços educacionais e de envolvimento pessoal. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Artmed, p. 145-158, 1999.

GONDIM, Sônia Maria Guedes. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. **Paidéia** (Ribeirão Preto), v. 12, p. 149-161, 2002.

KOHAN, W. O. **A infância da educação: o conceito devir-criança**. 2021. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/2/1/a-infancia-da-educacao-oconceito-devir-crianca>. Acesso em: 5 jan. 2021.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. Rio de Janeiro: E.P.U., 2018.

MINAYO, M. C. S. Técnicas de pesquisa: entrevista como técnica privilegiada de comunicação. In: _____. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010. p. 261- 297

SARMENTO, Manuel Jacinto; PINTO, Manuel. **As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo**. As crianças: contextos e identidades. Braga: Universidade do Minho, p. 7-30, 1997.

SOUZA, Isaura Lays Sá Fernandes de Souza. Educação infantil e rotina pedagógica. *Anais*. VII Congresso Nacional de Educação. Maceió. 2020

SKLIAR, Carlos **LA INFANCIA, LA NIÑEZ, LAS INTERRUPCIONES** Childhood & Philosophy, vol. 8, núm. 15, enero-junio, 2012, pp. 67-81 Universidade do Estado do Rio de Janeiro Maracanã, Brasil

STACCIOLI, Gianfranco. As rotinas: de hábitos estéreis a ações férteis. **Revista Linhas**, v. 19, n. 40, p. 54-73, 2018.